

---

# O primeiro sítio com vestígios de utilização do ferro e cerâmica “tradicional” da Early Iron Age localizado em Moçambique – província da Zambézia

MARIA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES\*

## R E S U M O

Propomo-nos apresentar o resultado de um trabalho efectuado em laboratório tendo por base o material cerâmico recolhido em circunstâncias inesperadas a Norte do rio Zambeze, no já afastado ano de 1946, mais precisamente durante a 4.ª campanha da Missão Antropológica de Moçambique (MAM) da antiga Junta de Investigações do Ultramar (JIU), pelo Prof. Santos. Este acervo patrimonial encontra-se hoje no Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT), para onde foi transferido pela autora, e de acordo com aquele professor para poder ser estudado. O sítio em estudo localiza-se no Gurué que é um distrito da província da Zambézia; foi considerado muito antigo e ocupado na fase inicial da expansão Bantu na África Austral, dada a sua excelência ambiental. A cerâmica dita “tradicional” ali recolhida e os vestígios de manufactura do ferro permitem pôr hipóteses e levantar questões relativamente à semi-sedentarização de comunidades de língua Bantu Este nos inícios da Idade do Ferro Africana nos planaltos do Norte de Moçambique. Procurou-se ainda estabelecer comparação entre esta cerâmica que se considera da 1.ª fase da Early Iron Age e a proveniente de outras estações já estudadas: uma no Nordeste da Tanzânia e outra no Sul de Moçambique, contribuindo, assim, para o estudo da expansão Bantu no contexto da Idade do Ferro africana na África Oriental Austral, e em Moçambique em particular.

## A B S T R A C T

This paper presents the results of a research activity, conducted in the lab, on pottery materials yielded unexpectedly in the North of the Zambezi river, in the distant year of 1946, more precisely during the 4th campaign of the “Missão Antropológica de Moçambique” (MAM) (Anthropological Mission to Mozambique) of the former “Junta de Investigações do Ultramar”(JIU) (Overseas Research Institute), lead by Santos Júnior. The specimens are held today by the “Instituto de Investigação Científica Tropical” (IICT). The studied site

is located in Gurué, a district of the Zambezia Province, which was considered as very ancient and occupied in the initial phase of the Bantu expansion, due to its excellent environmental conditions. The “traditional” pottery collected and the remains of iron manufacture allow hypotheses as well as questions to be made regarding the semi-settlement of the Eastern Bantu-speaking communities, in the beginning of the African Iron Age, in the plateaus of Northern Mozambique. A comparison of this pottery, considered from the initial phase of the EIA, with the specimens from other studied sites, in Northeast Tanzania and Southern Mozambique, is carried out contributing to the study of the Bantu expansion in the Eastern Southern Africa and Mozambique, in particular.

## 1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos, que identificam o lugar como estação arqueológica, resultaram do corte de terrenos para abertura de uma estrada (em Agosto de 1946), obra pública ocorrida casualmente durante a 4.<sup>a</sup> campanha da Missão Antropológica de Moçambique<sup>1</sup> (MAM). O Prof. Santos Júnior na sua qualidade de chefe da missão foi chamado pelo Administrador local (Anselmo Alves), face à significativa descoberta de cerâmica “tradicional” que havia surgido e era visível de ambos os lados da barreira aberta no que se designava por encosta do Malessane.

O Gurué é um distrito da província da Zambézia, ficando a estação posta a descoberto à data, na área do *prazo* Lomué<sup>2</sup> da Empresa Agrícola do Luzela, distrito de Quelimane, ao Sul da serra Namulia, na margem esquerda do rio Licungo (que deu o nome ao bem conhecido chá Licungo).

Dada a sua boa localização e condições de habitabilidade, é muito provável que esta zona tenha sido ocupada desde os tempos mais recuados, mas somente dispomos de elementos referentes à sua ocupação nos primeiros séculos da Idade do Ferro africana. Não se pode deixar de salientar que as condições ambientais seriam excelentes, mas a área do que poderia ter sido um povoado, utilizado em regime semipermanente ou temporário, não teriam sido avaliadas.

Parece ser de considerar que possa também ser um sítio mais antigo e reocupado na fase inicial da difusão Bantu por comunidades portadoras de novos conhecimentos, como sejam, a metalurgia, a agricultura e a manufactura de cerâmica, e já semi-sedentarizadas depois de se expandirem ao longo dos planaltos do Norte de Moçambique e vindos através da Tanzânia. Estas áreas teriam sido uma das zonas percorridas desde os inícios da Idade do Ferro africana, ou seja, na Early Iron Age em direcção aos rios Zambeze e Shire.

## 2. Ambiente geográfico

### 2.1. Localização

O sítio do Gurué fica no Noroeste da província da Zambézia, próximo da vila do Gurué, área montanhosa no Norte de Moçambique (Fig. 1), e localiza-se na folha n.º 43 da carta de Moçambique, na escala de 1:250 000 (Fig. 1’).

Coordenadas aproximadas:

· Longitude Este 36° 58’ e Latitude Sul 15° 28’ (Fig. 1’).





tude e não muito distante das magníficas quedas de água do rio Licungo, com os seus 1300 m de altura (Gomes e Sousa, 1947).

Era uma minúscula vila enquadrada num belo cenário de paisagem verdejante, com os extensos campos de cultivo de chá (Fig. 2), e pertencia administrativamente ao Posto de Mutuáli (Santos Júnior, Agosto de 1946).



Fig. 2 Aspecto da paisagem na área próxima da estação arqueológica – Sítio do Gurué (foto de Santos Júnior, 1946).

### 2.3. Enquadramento geológico

O Gurué é uma zona de altitude média, sendo a estrutura do solo muito humosa, atingindo por vezes grande altura resultante da decomposição vegetal, especialmente na área que circunda a serra (uns 30 km). No subsolo, a camada é argilosa, e regista-se também a presença de granito do tipo biotítico e gnaisse.

### 2.4. Vegetação dominante

O Gurué pertence à região montanhosa – Miombo decíduo de alta pluviosidade, dado registar uma das maiores quedas pluviométricas, cujos valores atingem por ano mais de 2000 mm, mas onde o solo, apesar da sua inclinação, está protegido contra a erosão mercê do revestimento florístico, em que predominam as plantações de chá (Fig. 2).

## 3. Trabalho de campo: descrição e análise

O Sítio do Gurué resultou da descoberta de uma significativa quantidade de cerâmica, após o corte de terreno efectuado para a abertura de uma estrada. O interesse pela cerâmica foi despertado pela decoração que apresentava, sendo, por isso, considerada muito antiga pelos trabalhadores que efectuavam a abertura da estrada.

Não podemos deixar de considerar que esta intervenção assinala algum pioneirismo por parte das autoridades portuguesas na salvaguarda do património arqueológico, muito embora o trabalho de campo viesse a ser condicionado pelas actividades inerentes à construção da estrada, razão porque não foi dada a oportunidade de realizar uma investigação mais aprofundada como seria de desejar, dado o interesse que o local oferecia (Fig. 3a).



Fig. 3a Aspecto do sítio do Gurué, aquando da intervenção arqueológica.

A descrição possível de efectuar quanto ao trabalho de campo, na sequência das acções desta intervenção arqueológica de salvamento, centra-se nos dados que nos foram transmitidos pelo chefe da MAM que o efectuou.

Sabemos que a equipa terá, na sequência da análise dos níveis visíveis nos cortes “estratigráficos”, começado pela medição da sua altura de ambos os lados da estrada, bem como pela definição da sua estrutura nos diferentes níveis, marcação da localização dos materiais cerâmicos e registo fotográfico do local.

Assim, o corte da barreira, que se interpreta como uma estratigrafia, tinha uma altura máxima compreendida entre os 3,5 m e os 4 m, onde se evidenciavam nos diferentes níveis e, de ambos os lados, os fragmentos cerâmicos de manufactura africana ou “tradicional” (Fig. 3b e 3c).

Não podemos deixar de assinalar que os diversos níveis estratigráficos foram verificados e registados, bem como no que respeita aos materiais cerâmicos recolhidos e referenciados em folhas de papel, que foram incluídas conjuntamente com as cerâmicas (estava-se longe do saco plástico), e assim trazidas e depositadas no ex-Instituto de Antropologia “Dr. Mendes Corrêa”, sendo hoje, porém, por vicissitudes várias, difícil de avaliar quais os níveis em que se encontravam.



b)



c) O fragmento n.º 10 *in situ*.

Fig. 3b-c Pormenor do Corte 2 – Sítio do Gurué (as fotos da Fig. 3a, 3 b e 3c são da autoria de Santos Júnior e foram obtidas em 1946).

Esta intervenção possibilitou, contudo, uma significativa recolha de fragmentos cerâmicos (numa altura em que os dados sobre este tipo de elementos material era quase desconhecido), daí, terem merecido toda a atenção porque podem proporcionar a avaliação crono-cultural da ocupação/utilização daquele sítio.

Os elementos materiais recolhidos, dada a sua representatividade no contexto da ceramologia da 1.ª fase da Idade do Ferro africana, constituem em si o principal objecto do estudo.

#### 4. Trabalho de gabinete

Na construção deste estudo deu-se importância ao lugar, dado o seu significado num passado longínquo e onde a cerâmica dita "tradicional" documenta valores socioculturais, reflecte o desenvolvimento económico e talvez a semi-sedentarização das comunidades que ocuparam ou passaram naquela área.



Fig. 4 Representação esquemática do perfil do lugar - Sítio do Gurué.

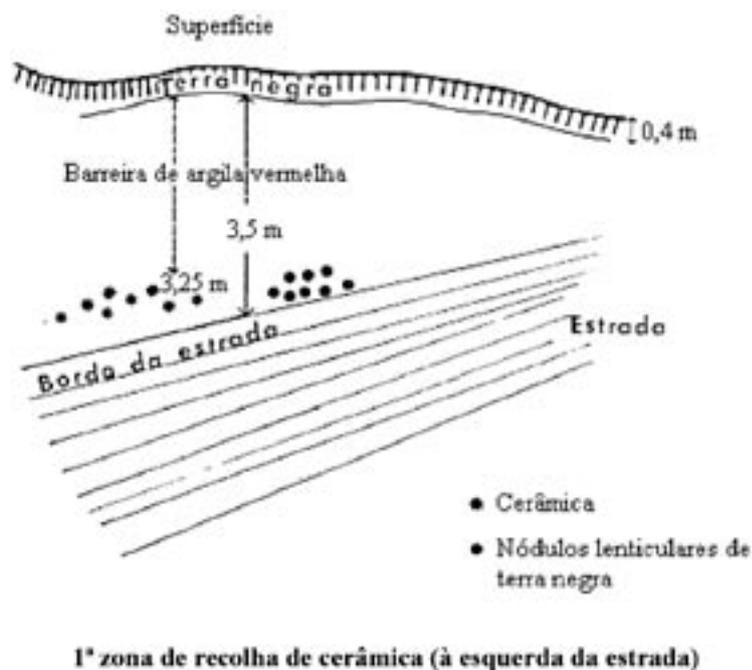


Fig. 4a Representação esquemática do perfil do Corte 1.

Foi possível, de acordo com os elementos obtidos, definir esquematicamente o perfil estratigráfico do sítio, isto é, através dos cortes do terreno nos dois lados da estrada, mais precisamente em três aspectos, e com a distribuição aproximada dos materiais arqueológicos *in situ* (Fig. 4a, 4b e 4c).

Assim, verifica-se que o Corte 1 apresentava mais de 3,5 m de altura, medidos desde a superfície do terreno até ao plano da estrada. A primeira camada era de terra negra humosa, logo fértil, que teria cerca de 40 cm, e a que se seguia uma barreira de terra vermelha (argilosa); e à cota de uns 3,25 m encontravam-se os fragmentos cerâmicos, alguns grandes e, a pouca distância, um aglomerado de nódulos lenticulares de terra inegressida que se estendia até à base nesta zona do corte (Fig. 4a).

O Corte 2, que se localiza na continuidade do Corte 1 e vai até ao "bedrock", no qual se registou a presença de blocos de granito e de gnaisse, que se distribuíam a cerca dos 3 m da cota 0, bem como na base do corte e sobre o rôço saibroso, à profundidade de mais de 3,5 m (Fig. 4b).

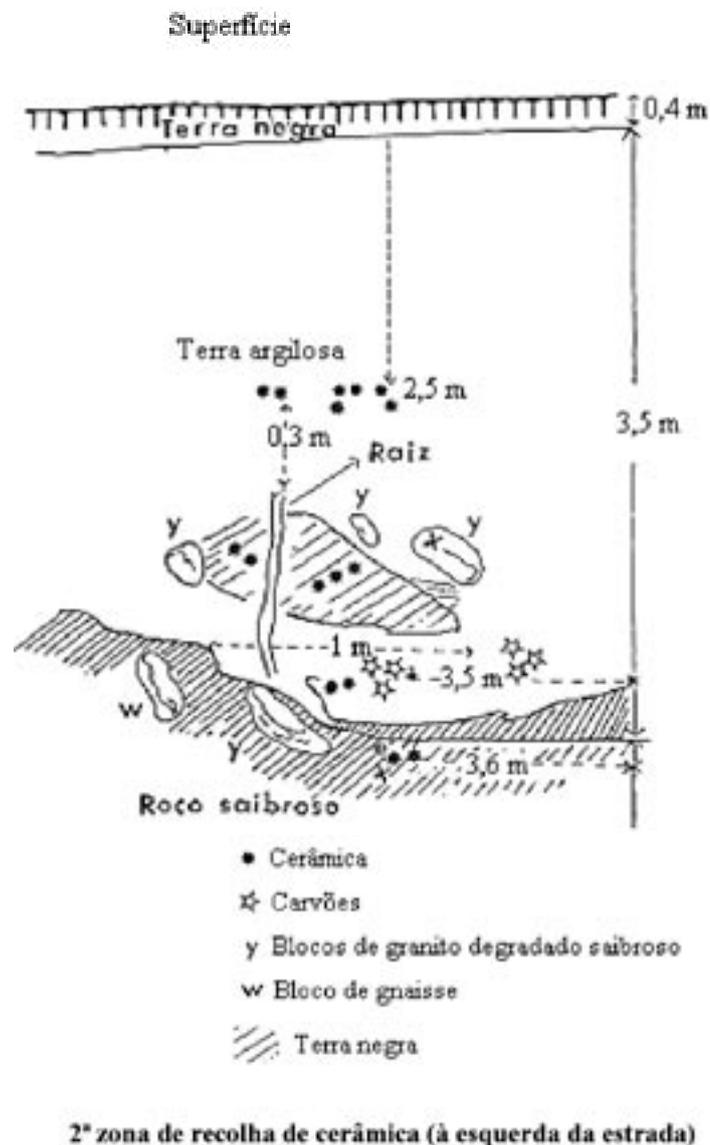


Fig. 4b Representação esquemática do perfil do Corte 2.

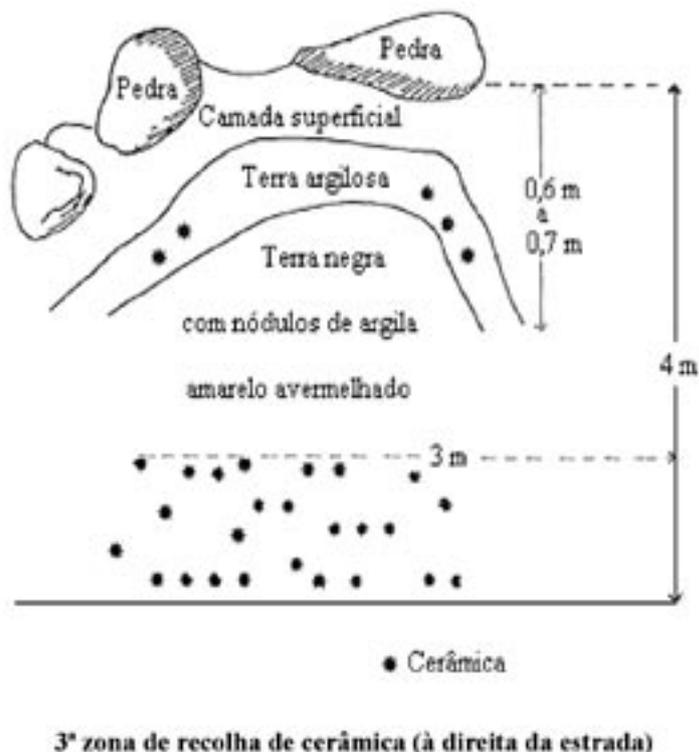


Fig. 4c Representação esquemática do perfil do Corte 3.

A primeira camada neste corte mostra uma continuidade da camada de terra negra, resultante da decomposição dos detritos vegetais, tal como se verificava no Corte 1, a que seguia uma de terra argilosa com alguns fragmentos de cerâmica. Ao nível entre os 2,5 m e os 3 m, foi recolhida uma significativa quantidade de grandes fragmentos cerâmicos, estando neste nível alguns localizados próximos de blocos de pedra (granito alterado) e dentro de uma bolsa de terra mais escura e de textura algo diferente, que antecediam os blocos pétreos ao nível do piso da estrada, constituídos por rochas de granitos e gnaisses. Na parte inferior do corte, ou seja, ao nível de cerca dos 3,5 m, foram recolhidos carvões que se distribuíam por uma área significativa e nesse mesmo nível mais fragmentos de cerâmica foram encontrados, o mesmo se verificou à altura de 3,6 m em que a cerâmica se localizava na base do corte ao nível do roço saibroso (Fig. 4b).

Estes dois cortes localizavam-se do lado esquerdo da estrada na encosta do Malessane e indo na direcção do ribeiro referenciado no esquema do perfil do local (Fig. 4).

O Corte 3 situava-se no lado oposto, mais precisamente, no lado direito da estrada, já na vertente do ribeiro, e teria uns 4 m de altura; à superfície registou-se uma camada de terra com pedras e penedos, que se misturava com uma terra argilosa, até cerca dos 0,70 m, onde se recolheram muitos fragmentos cerâmicos, sendo alguns análogos aos provenientes dos Cortes 1 e 2, que se localizavam numa cota mais elevada. A seguir à cota dos 0,60/0,70 m, a terra no Corte 3 passou a ser de cor negra, com grande quantidade de nódulos de argila de tonalidade amarelo-avermelhada, e a partir dos cerca de 3 m de profundidade teria aparecido cerâmica em grande quantidade até aos 4 m, isto é, até ao nível do piso da estrada.

Esta cerâmica era diversificada, quanto à cor e morfologia, e recolheram-se grandes fragmentos que se apresentam decorados, o que leva a considerar que estes poderiam corresponder a vestígios de uma aldeia, mas que não se tornou possível averiguar.

#### 4.1. As recolhas arqueológicas: ordenação dos materiais, inventário e desenho tipológico

A ordenação e o inventário do núcleo de elementos materiais exumados na intervenção arqueológica no sítio do Gurué, têm como base os dados atrás referidos.

O espólio de que dispomos é constituído por 129 fragmentos cerâmicos, um fragmento de algarviz, quatro amostras de rochas e carvões (madeira queimada).

No trabalho de ordenação das cerâmicas recolhidas nos três sectores do corte "estratigráfico", procurou-se agrupá-la atendendo à respectiva morfologia, decoração e estado de conservação, porque a diferenciação possível por níveis estratigráficos quanto à localização das cerâmicas é apenas a representada nos cortes (Fig. 4a, 4b e 4c). Uma melhor distinção a nível estratigráfico não parece ser provável, a não ser que alguns fragmentos possam vir a ser identificados no contexto do Corte 2 (Fig. 3b).

Não se tornou possível identificar qual o nível de proveniência do fragmento de algarviz que surge misturado com os recipientes cerâmicos. Temos ainda a assinalar a associação espacial de algumas cerâmicas com uma provável estrutura de combustão referenciada na estratigrafia do Corte 2 (Fig. 4 b). As amostras de rocha recolhidas parecem ser provenientes deste mesmo contexto estratigráfico.

Os fragmentos cerâmicos disponíveis como resultado da intervenção arqueológica, após a ordenação e determinadas as associações possíveis, mostram que os decorados são 22 e os lisos contabilizaram um total de 107; e não se dispõe de nenhum recipiente cuja reconstituição seja plena, mas proporcionaram a organização do gráfico percentual – Gráfico 1 (Fig. 5).



Fig. 5 Gráfico 1.

Para a representação dos recipientes cerâmicos mais significativos, estes foram objecto de desenho tipológico, por nós realizado em verdadeira grandeza, de acordo com as normas da tipologia proposta para a cerâmica sem roda de oleiro (Dedet e Py, 1975; Arcelin e Rigoir, 1979; Van Grun-derbeek, 1988) (Fig. 6a-1).

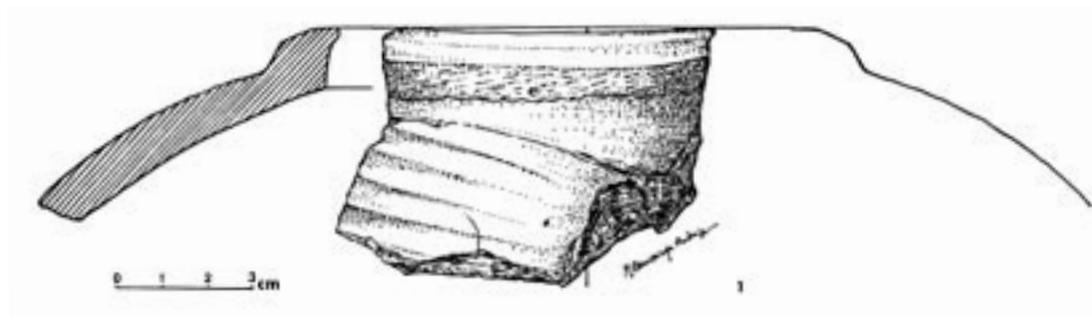


Fig. 6a Decoração incisa e impressa.

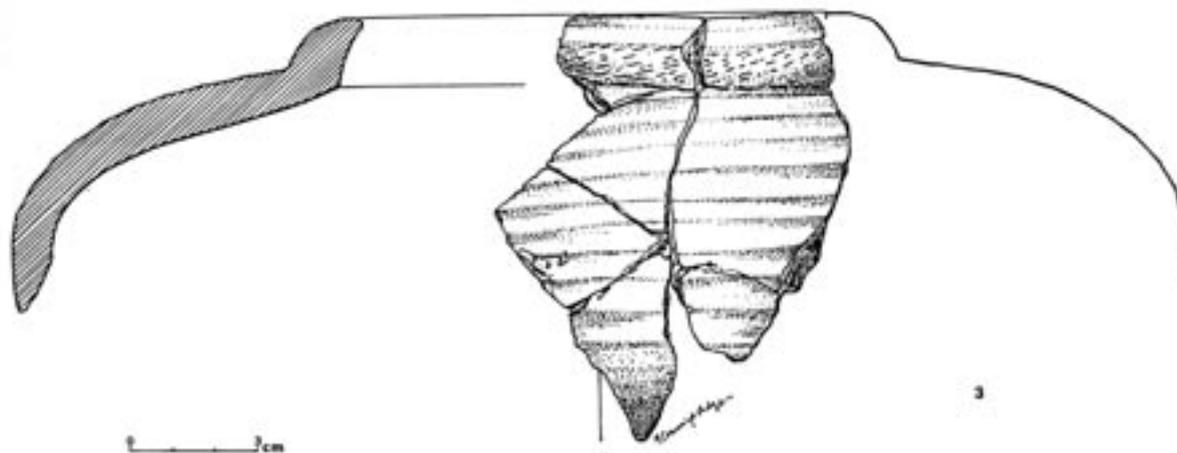


Fig. 6b Decoração incisa e impressa.

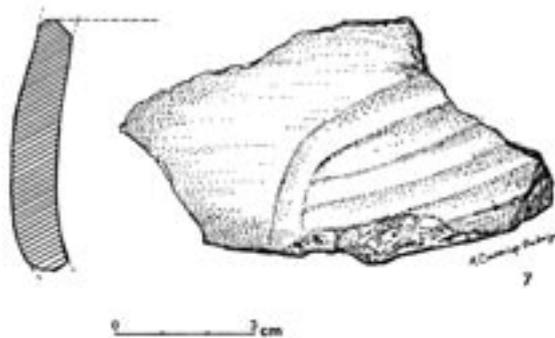


Fig. 6c Decoração incisa.

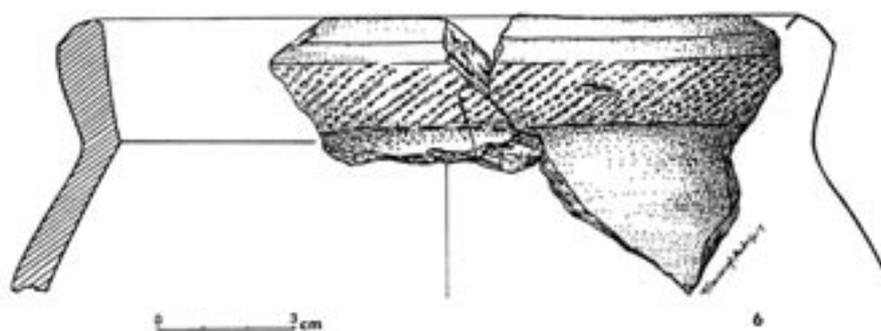


Fig. 6d Decoração incisa e impressa.

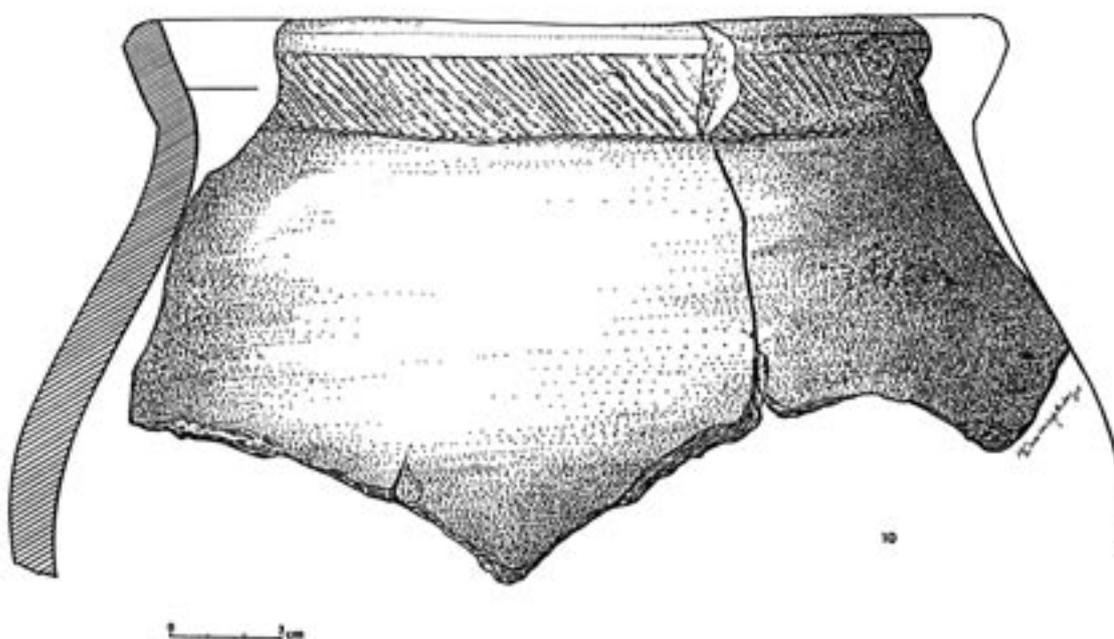


Fig. 6e Decoração incisa e impressa.

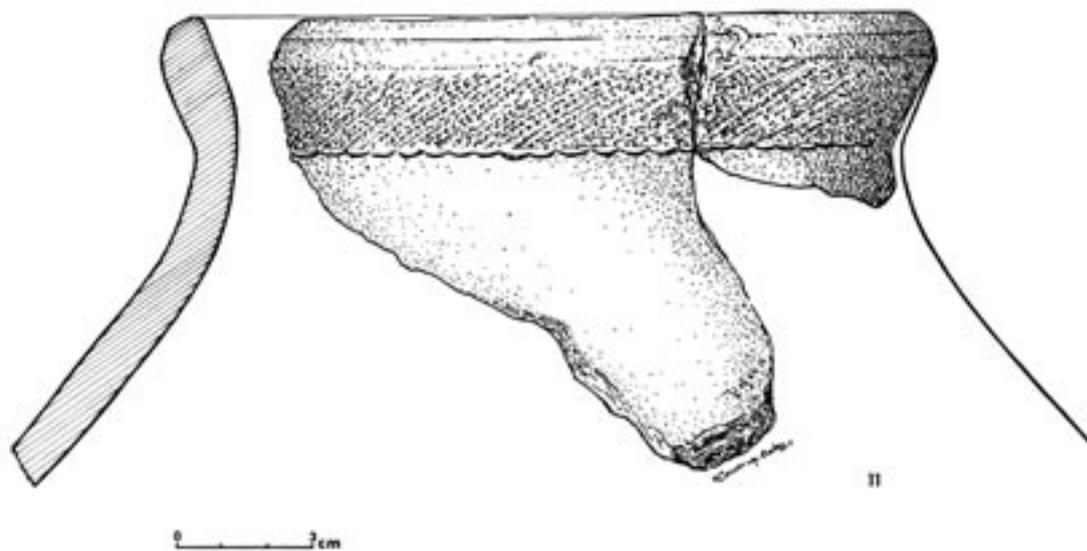


Fig. 6f Decoração incisa e impressa.

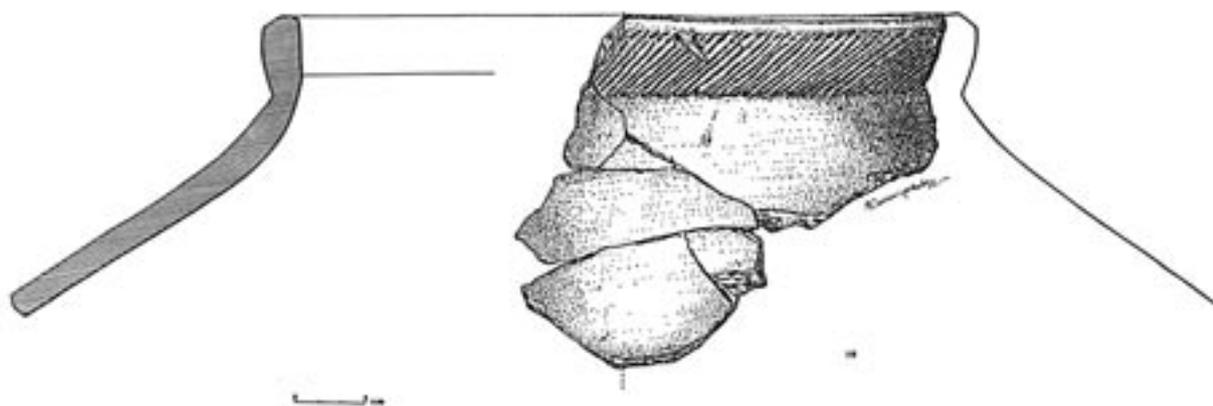


Fig. 6g Decoração incisa e impressa.

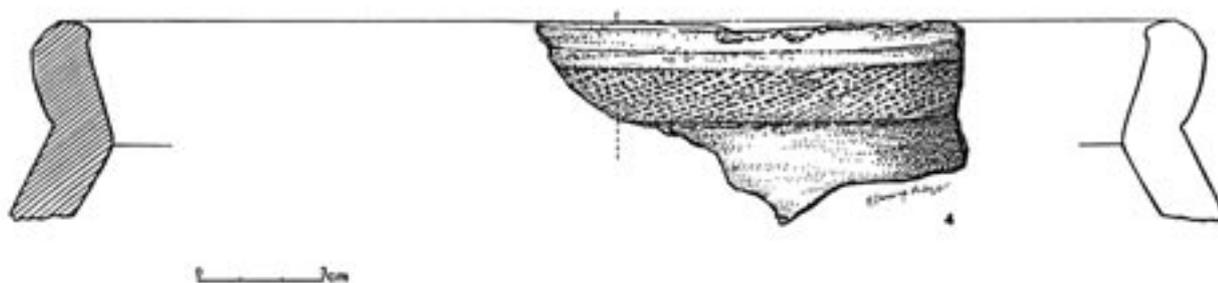


Fig. 6h Decoração incisa e impressa.

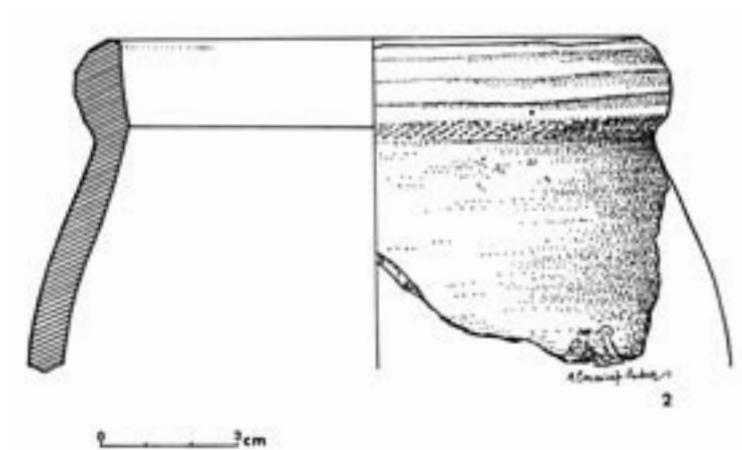


Fig. 6i Decoração incisa e impressa.

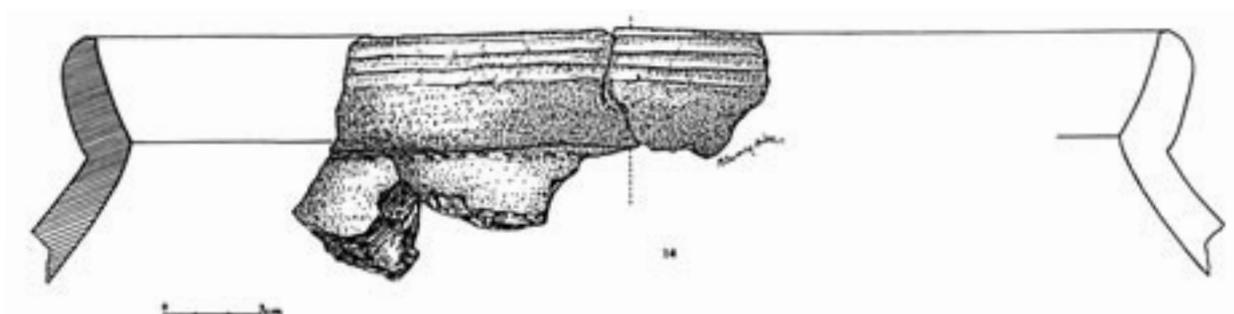


Fig. 6j Decoração incisa e impressa.

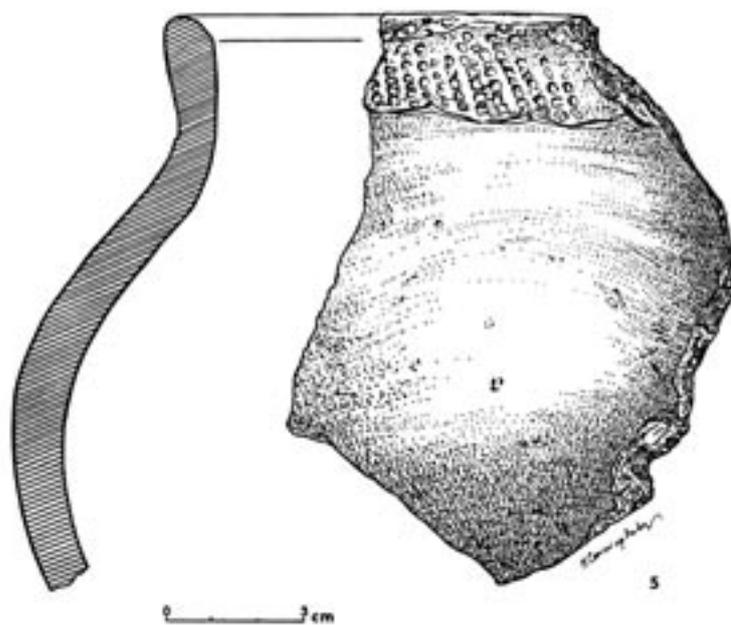


Fig. 6k Decoração impressa.

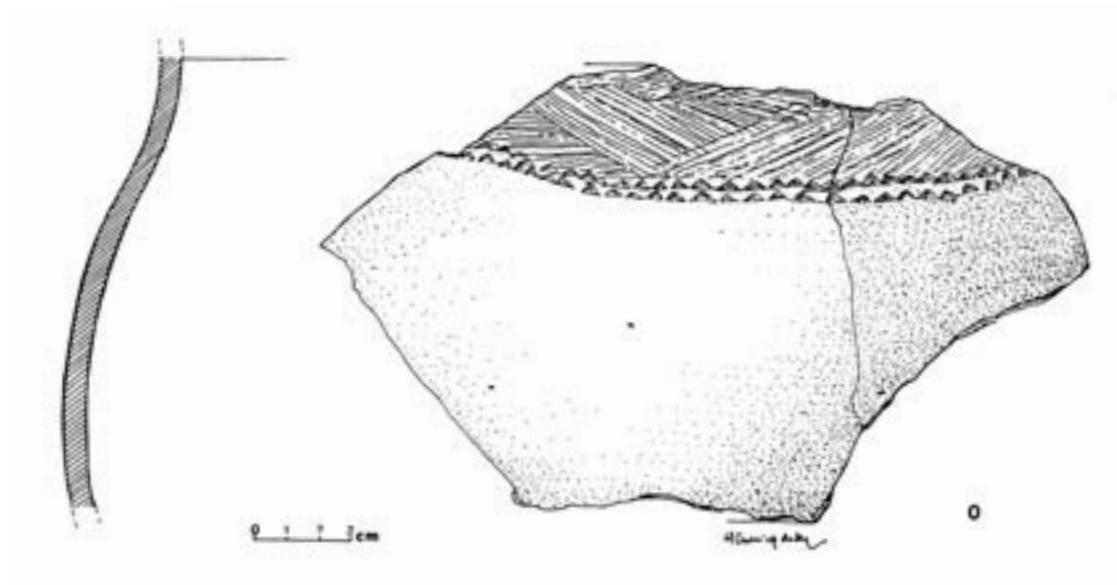


Fig. 61 Decoração incisa e impressa.

## 5. Análise e caracterização dos elementos materiais arqueológicos

O interesse que a análise deste material cerâmico despertou, na sequência do seu inventário, bem como a localização espacial da estação na província da Zambézia e, principalmente, a profundidade a que se encontravam as cerâmicas, levaram a pensar nas alterações ambientais ocorridas no meio, dado que a paisagem era na altura (1946) dominada pela cultura intensiva e extensiva do chá.

Não sabemos hoje até que ponto esta monocultura teria contribuído para alterar completamente o tipo de vida naquela área, comparativamente com a sua ocupação por populações de língua Bantu nos primeiros séculos da EIA.

### 5.1. Estudo do material cerâmico

Pretendemos caracterizar do ponto de morfológico e estilístico os recipientes cerâmicos, bem como inseri-los num contexto cultural mais amplo. A temática decorativa desta cerâmica “tradicional” como unidade de análise pode facilitar a sua comparação com cerâmicas da Idade do Ferro africana já estudadas, além do resultado da datação por radiocarbono.

A caracterização técnico-morfológica deste núcleo cerâmico baseou-se nos atributos intrínsecos resultantes dos aspectos estruturais (pasta e cores) e dos aspectos conceptuais (forma e decoração). Procurou-se nos factores extrínsecos (proveniência e associação) reconstituir a “memória” que os fragmentos cerâmicos possam transmitir, utilizando os princípios e métodos expressos por diversos investigadores, além das propostas de Huffman (1989) e Phillipson (1977, 1994) para o estudo da cerâmica da EIA.

A terminologia adoptada no nosso trabalho está de acordo com os critérios que vêm orientando os trabalhos no âmbito da África Austral, e foi aprovada em reuniões científicas, face ao interesse que a Idade do Ferro africana (African Iron Age) mereceu, e se convencionou dividir em dois períodos — Early (EIA) e Later Iron Age (LIA), consideram-se ainda duas fases para cada um desses períodos (in *Actes du 8<sup>e</sup> Congrès Panafricain de Préhistoire et des Etudes du Quaternaire*. 1977, Nairobi), bem como manutenção da nomenclatura inglesa.

### 5.1.1. Caracterização técnica

A caracterização técnico-morfológica deste núcleo cerâmico mostra que os diversos tipos de recipientes são todos de “formas simples” e redutíveis a uma figura geométrica, sendo alguns de grandes dimensões, e resultantes de uma manufactura sem roda de oleiro.

Confirma-se o predomínio dos fragmentos não decorados, tendo-se revelado difíceis de caracterizar alguns deles do ponto de vista morfológico, mas pertencendo predominantemente a bojo e a fundo ou base.

A ausência de dados exactos quanto ao registo dos níveis em que os diferentes fragmentos se encontravam, no contexto “estratigráfico”, fez com que o estudo passasse pela análise morfológica dos fragmentos e respectiva decoração, com vista à sua comparação com os dados disponíveis relativamente a outros sítios já estudados no contexto da Idade do Ferro africana.

Verificou-se que além da existência de recipientes de diversas morfologias a decoração marcada na pasta ocorre predominantemente no bordo e também no ombro ou início da pança, havendo alguns deles em que a decoração se desenvolve do bordo ao início do fundo. A análise das pastas é o ponto de partida para a determinação das categorias e atributos técnicos deste núcleo cerâmico, evidentes no seu aspecto exterior, que passamos a interpretar.

#### *Tipos de pasta*

A análise macroscópica da pasta cerâmica, no que respeita à sua homogeneidade e compactidade, permitiu assinalar uma reduzida presença de e.n.p., com representatividade nos calibres 1 e 2, ou seja, no grupo 1- < 0,5 mm e no grupo 2-1 a 3 mm. Quanto à frequência, estes desengordurantes podem ser incluídos no grupo de – alguma presença e raros.

Nestas cerâmicas do Gurué a análise da fracção não plástica indica uma composição mineralógica muito uniforme, se bem que com algumas variações, mas possuem na sua maioria uma matriz argilosa do tipo caulino (Figueiredo e Costa, 1991).

O seu aspecto exterior é até certo ponto condicionado pelas características da matéria-prima, mas permitiu definir três categorias quanto ao tipo de pastas utilizadas: regista-se uma elevada presença de pasta homogénea – categoria – P1; a existência de pasta compacta bem trabalhada – categoria – P2 (com uma significativa presença); e a categoria – P3, pasta grosseira, talvez menos trabalhada, embora seja compacta.

Regista-se nos recipientes com decoração marcada na pasta a presença de pasta homogénea; a pasta mais grosseira ocorre nos bojos dos recipientes de maiores dimensões e com maior espessura nas suas paredes.

#### *Tipos de tratamento de superfície*

O resultado da análise da textura da superfície exterior dos fragmentos mostra que no seu tratamento / acabamento se podem considerar dois tipos distintos:

- superfícies alisadas – S1;
- superfícies polidas – S2.

Regista-se um predomínio das superfícies alisadas, havendo também algumas superfícies alteradas/corroídas, mas estas alterações são o resultado do enterramento. A presença das superfícies polidas ocorre principalmente nos fragmentos com decoração marcada na pasta.

### *Tipos de fabrico*

A conjugação dos tipos de pasta e categorias no tratamento da superfície como atributos, permitiram definir os tipos de fabrico neste núcleo de recipientes; assim, se compararmos as cerâmicas dos diferentes níveis, verifica-se existir alguma discrepância, nomeadamente entre os que apresentam decoração e a superfície polida, e também quanto à espessura das paredes. Estes atributos permitem considerar uma acentuada presença do **fabrico médio** nos recipientes em geral e um fabrico mais cuidado, que se poderá considerar um **fabrico fino** naqueles em que a superfície se apresenta polida ou decorada com múltiplas caneluras. Um **fabrico menos cuidado** está presente nomeadamente nos fragmentos de fundo e bojo.

### *Cor*

A cor presente nos recipientes não reflecte apenas o resultado da cozedura: pode ser entendida como um tratamento da superfície; alguns fragmentos apresentam vestígios que consideramos engobe, tendo sido para o efeito utilizada uma calda aquosa com hematite (frag. n.º 6); outros foram bem polidos (frag. n.º 14).

A paleta de cores e tonalidades associadas presente na superfície exterior dos recipientes é difícil de isolar, mas verifica-se que os fragmentos de cor alaranjada têm paredes mais espessas e superfície menos cuidada (frag. n.º 10).

A determinação das cores, efectuada através da Munsell Soil Color Charts (1975), levou a que se considerassem cinco cores base com diferentes tonalidades, que ordenamos:

- negro – T1 – com grafite – frag. n.º 14 (bordo);
- cinza – T2 – com várias tonalidades – frags. n.ºs 1, 3, 7 (decorados com caneluras), n.º 110 (bojo) – HUE 2.5YR 4/0, e n.º 104 (bojo) – HUE 5YR 5/1;
- ocre – T3 – com várias tonalidades – frags. n.ºs 5, 6, 11 e 86 (pode ser um fundo ou base) – HUE 10YR 7/4;
- castanho – T4 – com várias tonalidades – frags. n.ºs 4, 10, 19 (bordo) e n.º 84 (pode ser um fundo ou base) – HUE 2.5YR 4/6;
- laranja – T5.

Este resultado é sempre subjectivo, porque dispomos apenas de uma parte do recipiente e por conseguinte optou-se por esta simplificação, por ser o método que nos pareceu adequado.

### *Tipos de técnicas de decoração*

Este núcleo cerâmico apresenta uma significativa diversidade em relação à técnica decorativa, sendo a decoração marcada na pasta o elemento de maior significado; está presente em 22 fragmentos que representam (17%); se bem que não seja um número muito elevado, não se pode considerar um baixo índice.

A decoração ocorre, quanto à localização, no bordo ou colo e do bordo ao fundo, mostrando, além de uma grande perfeição na sua realização, a excelente qualidade plástica da matéria-prima.

Regista-se nestes recipientes a presença da técnica por incisão – D1, e por impressão – D2, que surgem associadas e com variantes. A técnica por impressão pode ser considerada, mas surge também isolada (frag. n.º 5 – Fig. 6k). O tipo de decoração incisa, definindo planos em bisel que modelam a linha do bordo, e as caneluras largas têm grande representatividade. Estas desenvolvem-se, ainda, como que definindo e modelando a forma do bojo de alguns dos recipientes – D6. Este tipo de decoração está ainda nos recipientes associada à impressão de pente de oleiro, com diferentes

tipos de denteado e também com incisões, ou com impressões, obtidas com um pequeno estilete (ou sementes?) – D6 e D2/1. Alguns recipientes teriam sido também engobados, o que nos levou a definir este tipo de decoração como uma técnica mista – D5.

Técnicas de decoração:

- Impressa – D2 – dois fragmentos (9,1%) – frags. n.ºs 5 e 27;
- Incisa e Impressa ou técnica Mista – D5 – 15 fragmentos (68,2%) – frag. n.º 0, n.ºs 1 a 4, n.º 6, n.ºs 10 e 11, n.ºs 14 e 19;
- Caneluras – D6 – 5 fragmentos (22,7%) – frag. n.º 7.

A análise da decoração dos recipientes do Gurué permitiu avaliar as diferentes técnicas utilizadas na definição da sua temática decorativa, bem como a localização e respectiva percentagem. As técnicas que esta cerâmica documenta têm um índice muito significativo, nomeadamente no que respeita à decoração incisa – biselado e canelado –, como técnica dominante que ocorre em pontos determinados na sua organização na superfície de alguns dos recipientes cerâmicos, ou que os pode preencher quase na totalidade, embora surja associada com diferentes tipos de incisão e impressão, o que determina um predomínio da decoração mista (68,2%).

A decoração com caneluras largas, com uma representatividade de 22,7%, é igualmente significativa.

### 5.1.2. Caracterização morfológica

O conjunto de fragmentos de cerâmica comum de que dispomos apresenta diversidades quanto à morfologia, nomeadamente os com decoração, dos quais foram catalogados 11; verificou-se que estes se distribuem por diferentes tipos morfológicos.

Em nove recipientes foi possível determinar os respectivos diâmetros e definir várias categorias.

#### *Bordos*

##### Diâmetros

Nos recipientes em que foram determinados os respectivos diâmetros definiram-se três categorias, tendo-se verificado a ausência das pequenas categorias. Foram assim classificados nove diâmetros integrados nas categorias:

- Médio – C 1 – (10-11 cm) (frags. n.ºs 1, 2 e 3);
- Médio – C 3 – (15-16 cm) (frags. n.ºs 6 e 11);
- Grande – C 5 – (22 cm) (frag. n.º 10);
- Grande – C 7 – (25 – 28 cm) (frags. n.ºs 4 e 19);
- Muito Grande – C 8 – (33 cm) (frag. n.º 14).

Os valores obtidos quanto aos diâmetros internos do bordo nos nove recipientes então compreendidos entre os 10 cm e os 33 cm, e documentam um predomínio das grandes categorias que foram tipificadas no Quadro I (Fig. 7).

**QUADRO I** CERÂMICA "TRADICIONAL" - SÍTIO DO GURUÉ  
Caracterização Técnico-Morfológica

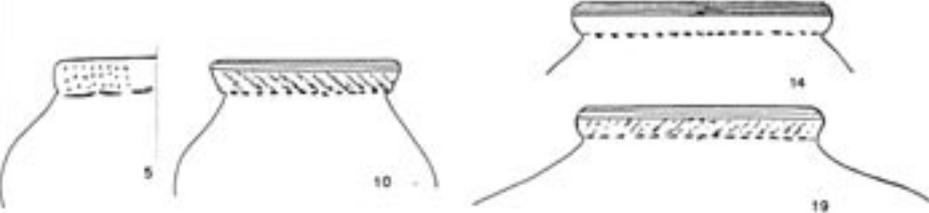
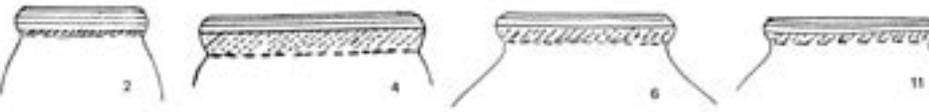
Tipos	Formas	Recipientes cerâmicos - Localização da decoração	Diâmetros (cm)
I	Esferóide		f. 1 - 10
II	Globular		f. 5 - 7 f. 10 - 22 f. 14 - 33 f. 19 - 27,5
III	Ovalóide		f. 2 - 11 f. 4 - 25 f. 6 - 15,3 f. 11 - 15,6
IV	Elipsóide		f. 3 - 11

Fig. 7 Morfologia e diâmetros da cerâmica "tradicional" recolhida no Sítio do Gurué.

**Espessuras**

A espessura foi sempre calculada em função da dimensão obtida nos bordos, dado que a dimensão média das paredes dos recipientes se apresenta variável.

- Paredes médias – E2 – 0,5 – 1 cm – um recipiente (frag. n.º 5);
- Paredes espessas – E3 > 1 cm – 8 recipientes (frag. n.º 10 com 1,10; n.ºs 1 e 11 com 1,30; n.º 3 com 1,36; n.º 10 com 1,40; n.º 4 com 1,45; n.ºs 14 e 19 com 1,60).

Estes parâmetros permitem definir índices que contribuem para a caracterização de tipos morfológicos.

*Tipos de lábios*

Todos os fragmentos de bordos analisados têm orientação variada e apresentam lábios lisos, muito embora seja possível definir diferentes categorias de acabamento na extremidade das duas faces dos recipientes. Quanto à forma, os lábios podem ser arredondados – L1, biselados – L3, adelgaçados – L4 e espessados – L5 (o que pode ocorrer tanto interna ou externamente).

**Lábios:**

- Arredondado/Espessado e Biselado – L1/5/3 – frag. n.º 4 (1 exemplar);
- Arredondado/Biselado – L1/3 – frags. n.ºs 5 e 10 (2 exemplares);
- Biselado – L 3 – frags. n.ºs 1, 2, 11 e 19 (4 exemplares) (40%);

- Biselado/Adelgado – L 3/4 – frags. n.ºs 3 e 14 (2 exemplares) (20%);
- Biselado/Espessado – L 3/5 – frag. n.º 6 (1 exemplar).

Num total de 12 lábios, regista-se uma maior representatividade do tipo biselado em diferentes categorias (Fig. 7').

#### *Tipos de orientação de colos*

A orientação do colo, em função da sua direcção relativamente ao eixo de simetria do recipiente, foi analisada e registou-se uma presença de três tipos de colos que se podem considerar bem definidos: Colo divergente – C1; Colo paralelo – C2; Colo convergente – C3 (adaptado de acordo com a morfologia proposta por Didet e Py, 1975, p. 18).

#### Colo:

- Divergente – frags. n.ºs 2, 4, 6, 10, 11 e 14;
- Paralelo – frags. n.ºs 5 e 19;
- Convergente – frags. n.ºs 1 e 3.

Neste conjunto cerâmico do Gurué, registou-se um predomínio do tipo de colo divergente (Fig. 7').

#### *Tipos de orientação de bordos*

Após a análise dos bordos, identificou-se a presença de cinco tipos, de orientação (metodologia adaptada do proposto por Dedet e Py, 1975, p. 15) para a cerâmica manufacturada sem roda de oleiro, em dez recipientes provenientes do Gurué.

#### Bordos:

- secante revirado para o interior e perfil exterior facetado convexo (B6 A);
- secante vertical de perfil exterior multifacetado convexo (B4 A);
- secante inclinado para o exterior e perfil exterior rectilíneo/sub-rectilíneo (B7);
- secante vertical de perfil exterior rectilíneo (B4);
- secante inclinado para o exterior e perfil exterior arredondado convexo (B3).

Registou-se o predomínio do tipo B3 – presente nos recipientes n.ºs 6, 11, 14 e 19 (40%) (Fig. 7').

#### *Tipos morfológicos*

A caracterização tecnico-morfológica permitiu identificar um número de 20 recipientes, distribuídos por 4 tipos morfológicos. Atendeu-se à distinção entre formas fechadas e abertas, além do registo dos diversos diâmetros classificados nos recipientes em que foi possível determiná-los, o que se verificou em nove.

Os recipientes são de formas simples e redutíveis a um volume geométrico, embora não se disponha de qualquer recipiente completo. Os tipos que distinguimos incluem formas abertas e fechadas (10 exemplares) e foram sistematizados no Quadro I (Fig. 7).

#### Tipos:

- tipo I – recipiente esferóide – de bordo fechado e colo convergente, pança bem marcada frag. n.º 1, registando um diâmetro de categoria – C1 (10-12 cm) (1 exemplar);

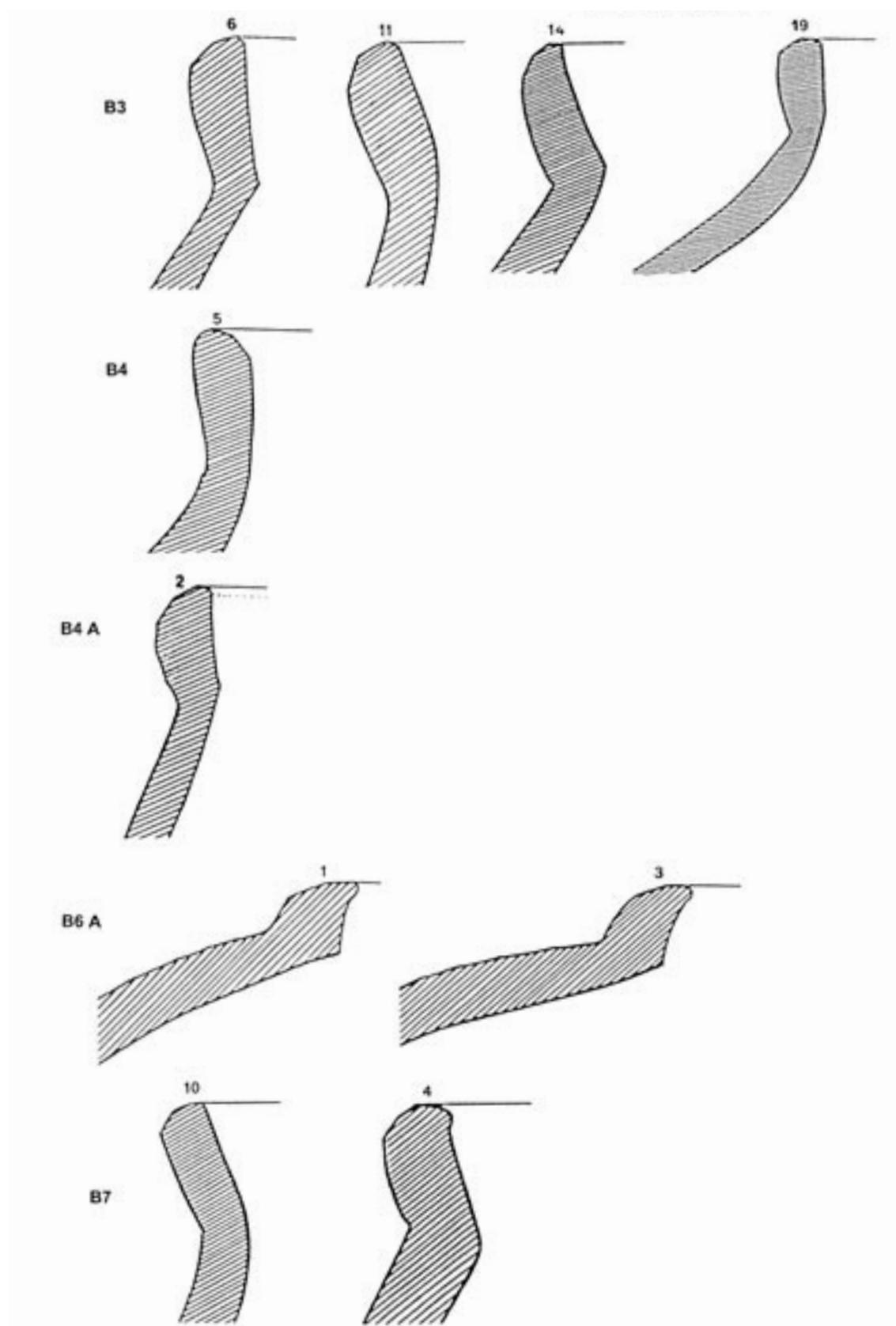


Fig. 7? Cerâmica "tradicional" - Tipos de lábio e de orientação de bordos - Sítio do Gurué.

- tipo II – recipiente globular:
  - de bordo ligeiramente fechado e colo paralelo, sendo que a pança se apresenta bem definida no frag. n.º 5 e sugerida no frag. n.º 19 com diâmetro inserido na categoria – C7 (25-28 cm);
  - de bordo aberto e colo divergente, com pança bem definida frag. n.º 10, e diâmetro de categoria – C5 (22 cm), com pança sugerida no frag. n.º 14 e diâmetro de categoria – C8 (33 cm) – (contabilizaram-se no total 4 exemplares) (40%);
- tipo III – recipiente ovalóide – de bordo ligeiramente aberto e colo divergente, pança bem definida no frag. n.º 2, e o diâmetros na categoria – C1; os frags. n.ºs 6 e 11 estão na categoria – C3 (15-16 cm), e o frag. n.º 4 insere-se na categoria – C6 (25 cm) (4 exemplares – 40%);
- tipo IV – recipiente elipsóide de bordo fechado e colo convergente, pança bem marcada no frag. n.º 3, registando um diâmetro de categoria – C1 (10-12 cm) (1 exemplar).

Poderíamos também reagrupar os recipientes em função da sua capacidade, independentemente da morfologia, porque aqueles integram uma gama de variantes, sendo, contudo, difícil de definir com precisão. A análise comparada dos quatro tipos definidos, que incluem formas abertas e fechadas a partir dos bordos existentes em recipientes decorados, permitiu também verificar uma certa unidade no seu conjunto, dado serem todos de formas simples.

Quanto à sua morfologia, verifica-se que há um domínio dos tipos II e III, com igualdade de presenças. Estes recipientes podem assinalar uma certa expressividade cultural, ou seja, reflectir as tradições da cerâmica de Urewe, nomeadamente em relação aos bordos multifacetados e referenciados em nove dos fragmentos que são características da cerâmica da fase inicial da EIA.

A caracterização técnica-morfológica e os atributos referenciados neste núcleo cerâmico foram sintetizados no Quadro II (Fig. 8).

### 5.1.3. *Formulação de categorias tipológicas – análise de covariações*

A formulação de categorias tipológicas vai passar pela análise da covariação (cujos resultados tenham significado) e vamos optar por: formas/bordos; lábios/formas; lábio/bordos.

Articulação entre forma e orientação de bordos (10 exemplares).							
Forma / tipos	Tipos de orientação de bordos					Total	%
	B3	B4	B4 A	B6 A	B7		
I	0	0	0	1	0	1	10
II	2	1	0	0	1	4	40
III	2	0	1	0	1	4	40
IV	0	0	0	1	0	1	10
Total	4	1	1	2	2	10	100

As formas II e III são as que apresentam maior variedade de orientação de bordos e o maior número de recipientes. Regista-se nestas duas formas a maior representatividade de bordos secantes inclinados para o exterior e perfil exterior arredondado convexo.

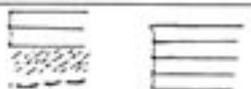
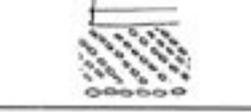
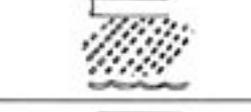
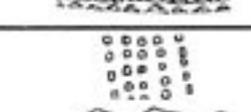
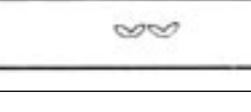
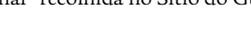
QUADRO II							
CERÂMICA "TRADICIONAL" DO SÍTIO DO GURUÊ							
Tipos Morfológicos e Gramática Decorativa							
Tipos de decoração	Técnicas	Designação	Motivos	Localização	Tipos de orientação de bordos	Tipos Morfológicos	
D5	Incisão	Duplo bisel, tracejado na oblíqua, traços curvos em grinalda e zona com caneluras múltiplas na diagonal		f.1	Bordo e Bojo	B6 A	I
		Duplo bisel, tracejado na oblíqua pouco marcado, tracejado curvo contínuo na horizontal e caneluras largas		f.3	Bordo e Bojo	B6 A	IV
		Caneluras múltiplas na oblíqua circunscritas por canelura curva		f.7	Bojo	?	?
D5	Incisão e impressão	Duplo bisel, linhas múltiplas de denteado sub-rectangular na oblíqua e traços curvos contínuos na horizontal		f.6	Colo	B3	III
		Duplo bisel, linhas múltiplas de denteado sub-rectangular na oblíqua e ponteados alongados em cadeia na horizontal		f.10	Colo	B7	II
		Duplo bisel, linhas múltiplas de denteado sub-quadrangular na oblíqua e traços curvos em grinalda		f.11	Colo	B3	III
		Duplo bisel, linhas múltiplas de denteado sub-quadrangular na oblíqua e ponteados alongados contínuos na horizontal		f.19	Colo	B3	II
		Multibiselado e linhas múltiplas de denteado na oblíqua pouco marcadas		f.2	Colo	B4 A	III
		Multibiselado, linhas múltiplas de denteado sub-rectangular na oblíqua e ponteados alongados contínuos na horizontal		f.4	Colo	B7	III
		Multibiselado e ponteados alongados descontínuos na horizontal		f.14	Colo	B3	II
		Traços na oblíqua com diferentes direcções e denteado duplo na horizontal		f.6	Colo e Bojo	?	III ?
D2	Impressão	Linhas múltiplas de denteado sub-circular e traços quebrados contínuos na horizontal		f.5	Colo	B4	II
		Linha horizontal de duplo recorte		f.27	Bojo	?	?

Fig. 8 Caracterização técnica e atributos da cerâmica "tradicional" recolhida no Sítio do Guruê.

Articulação entre lábios e formas (10 exemplares).						
Tipos de lábio	Forma / tipos				Total	%
	I	II	III	IV		
L1 / 5 / 3	0	0	1	0	1	10
L1 / 3	0	2	0	0	2	20
L3	1	1	2	0	4	40
L3 / 4	0	1	0	1	2	20
L3 / 5	0	1	0	0	1	10
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>10</b>	<b>100</b>

O lábio biselado é o que está presente em maior variedade de formas de recipientes; o lábio arredondado/biselado regista maior representatividade nos referenciados na forma II e o lábio biselado tem igual representatividade nos recipientes de forma III.

Articulação entre lábios e orientação de bordos (10 exemplares).							
Tipos de lábios	Tipos de orientação de bordos					Total	%
	B3	B4	B4 A	B6 A	B7		
L1 / 5 / 3	0	0	0	0	1	1	10
L1 / 3	0	1	0	0	1	2	20
L3	2	0	1	1	0	4	40
L3 / 4	1	0	0	1	0	2	20
L3 / 5	1	0	0	0	0	1	10
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>100</b>

O lábio biselado é o que apresenta maior variedade de orientação de bordos e o maior número de recipientes; o lábio L3 regista a maior representatividade de bordo secante inclinado para o exterior e perfil exterior arredondado convexo (ver Fig. 7).

#### 5.1.4. Organização decorativa — técnicas e motivos

Este núcleo cerâmico “tradicional” documenta uma representativa presença de técnicas e motivos quanto à decoração marcada na pasta em recipientes de diferentes tipos morfológicos, constituindo a sua temática decorativa um dos pontos mais significativos.

As organizações decorativas desenvolvem-se na face exterior, preenchendo o colo na maior parte dos recipientes, o qual é delimitado no início do ombro por traçado linear, podendo em alguns deles registar-se a decoração desde o lábio até ao final da pança, nomeadamente nos que se apresentam decorados com caneluras largas. Neste caso, a decoração estende-se ao longo da pança, ou em zonas definidas, verificando-se esta situação num significativo número de fragmentos.

Foram, assim, identificadas 8 organizações decorativas, cuja descrição é feita de acordo com a ordenação referenciada no Quadro II (Fig. 8).

A análise da decoração presente nos diferentes recipientes cerâmicos com base na sequência ou organização decorativa (atendendo às técnicas e temática) levou à determinação de critérios para a sua diferenciação.

Assim, consideram-se duas categorias de sequências temáticas:

- Uma Sequência Linear Horizontal – S1 – em que o motivo formando faixa horizontal contínua percorre rotativamente a parede do recipiente (atendeu-se ao motivo presente);
- Uma Sequência Horizontal – S2 – em que os motivos, formando faixas horizontais contínuas, se sucedem num movimento que percorre rotativamente a parede dos recipientes.

Categorias:

#### *Sequência Linear Horizontal*

1 – S1 – banda horizontal de motivo floral impresso disposto no início do bojo ? – pança.  
Motivo – impressões em forma de cálice – frag. n.º 27.

#### *Sequência horizontal*

2 – S2 – banda horizontal de caneluras definindo um duplo bisel (variante de incisão) desde o lábio modelando o bordo, a que se segue uma faixa decorada com tracejado inciso na oblíqua e circunscrita por tracejado largo na horizontal, que marca o início da pança. A pança é inteiramente modelada por caneluras largas até à base, tal como no B – em que só se dispõe da pança e início da base – colo, bojo e fundo.

Motivo – caneluras múltiplas na horizontal, traços na oblíqua e na horizontal – frag. n.º 3 e – B – frag. n.º 31;

3 – S2 – banda horizontal de caneluras definindo um duplo bisel (variante de incisão) desde o lábio e que modelam o bordo; a que se segue uma faixa decorada com tracejado inciso na oblíqua e circunscrita por traçado em grinalda na horizontal, que marcam o início da pança. A pança é parcialmente modelada por caneluras largas na oblíqua – A; e também circunscritas por uma canelura em curva – B – colo e bojo.

Motivos – caneluras múltiplas na horizontal e na oblíqua, traços na oblíqua e em curva na horizontal – A – frag. n.º 1 e B – frag. n.º 7;

4 – S2 – banda horizontal de caneluras definindo um duplo bisel (variante de incisão) desde o lábio e que modelam o bordo a que se segue uma faixa larga decorada com impressões oblíquas de pente de oleiro com variantes (em B as impressões são dirigidas para a esquerda); a qual é circunscrita: por traços curvos incisos na horizontal – A; ou por impressões de ponteadado alongado e contínuo na horizontal – B e C; traços incisos contínuos em grinalda na horizontal – D, os quais marcam o contacto colo-pança – colo e bojo.

Motivos – caneluras duplas na horizontal, múltiplo denteado na diagonal e traços curvos na horizontal – variantes: A – frag. n.º 6, B e C – frags. n.ºs 10 e 19 e D – frag. n.º 11;

5 – S2 – banda horizontal de caneluras definindo um multibiselado (variante de incisão) desde o lábio modelando o bordo, a que se segue uma faixa decorada com impressões oblíquas de pente de oleiro com variantes: A – faixa estreita e não circunscrita no contacto colo-pança; B – faixa larga e circunscrita por traços curvos contínuos na horizontal marcando o contacto colo-pança – colo e bojo.

Motivos – caneluras múltiplas na horizontal, pluridenteado na diagonal e traços em curva na horizontal – variantes: A – frag. n.º 2 e B – frag. n.º 4;

6 – S2 – banda horizontal de caneluras largas definindo um multibiselado (variante de incisão) desde o lábio e que modelam o bordo, a que se segue uma faixa lisa e no contacto colo-pança, impressões de ponteadado alongado e descontínuo na horizontal – colo e bojo.

Motivos – caneluras múltiplas e traços em curva na horizontal – frag. n.º 14;

7 – S2 – banda horizontal de impressões ligeiramente oblíquas de pente de oleiro desde o início do bordo e circunscritas na transição colo-ombro por impressões definindo linhas quebradas contínuas na horizontal – colo e bojo.

Motivos – multidenteado subcircular quase vertical e sulcos angulosos na horizontal;

8 – S2 – banda de incisões paralelas entre si, mas irregulares e na oblíqua definindo como que zonas subtriangulares no colo, circunscritas por impressões paralelas do tipo dente de lobo e contínuas no que se considera ser início da pança – colo e bojo.

Motivos – incisões múltiplas e sulcos triangulares paralelos – frag. n.º 0.

*Sequências temáticas:*

- S1 – 1
- S2 – 13

Total de recipientes – 14

Dispomos fundamentalmente de dois tipos distintos quanto às técnicas de decoração: as caneluras múltiplas realizadas com os dedos e pouco marcadas na pança de vários recipientes, a par dos biselados bem definidos no bordo de quase todos os recipientes, e a decoração impressa utilizando o designado pente de oleiro de denteado múltiplo.

Regista-se um predomínio da Sequência Horizontal evidenciada na organização decorativa 4, que regista o maior número de recipientes.

A organização decorativa e os motivos referenciados neste conjunto cerâmico foram ordenados e sintetizados no Quadro III (Fig. 9). Os dados em presença permitem referir que a maior parte destas cerâmicas documentam tradições com conotações cronológicas bem identificadas e podem ser comparadas com outras dos inícios da Idade do Ferro africana, já estudadas por outros investigadores, para além da datação obtida.

### 5.1.5. *Fundo ou base*

Quanto à morfologia, consideramos poder distinguir com alguma segurança que seriam côncavos e com uma espessura média da ordem dos 15 mm; em recipientes de paredes finas a sua espessura será de 10 mm. No seu conjunto, estes fragmentos documentam os diferentes tipos de pasta e de fabrico, bem como o leque de tonalidades atrás referidas.

## 5.2. *Vária*

### 5.2.1. *Fragmento de “algaraviz”*

Dispomos de um pequeno fragmento de terra cota, pertencente ao canal de entrada de ar para o núcleo central do forno de fundição de ferro, denominado algaraviz. Este elemento é mais um dado para se poder enquadrar a estação – Sítio do Gurué – no contexto da Idade do Ferro africana, além dos dados fornecidos pela datação.

QUADRO III		CERÂMICA "TRADICIONAL" DO SÍTIO DO GURUÉ	
Organização decorativa	TÉCNICAS E MOTIVOS		
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			

Fig. 9 Organização decorativa da cerâmica "tradicional" recolhida no Sítio do Gurué.

### 6. A cerâmica do Sítio do Gurué e a documentação que forneceu

Com base nos dados fornecidos pela intervenção arqueológica de salvamento, o tipo de conhecimentos obtidos é condicionado porque a camada arqueológica foi truncada com a abertura da estrada e parece que apenas se puderam analisar os cortes; não sabemos como seria na realidade a estação, dado o limitado tempo dado para a realização do trabalho de campo. O material arqueológico estava distribuído por uma altura de cerca de 4 m nas diferentes camadas "estratigráficas",

o que indica uma ocupação com continuidade por comunidades de agricultores que trabalhavam o ferro, levando a pensar poder estar-se no interior de uma aldeia.

A presença da cerâmica “tradicional” naquele sítio é também um dado significativo, porque a reconstituição da expansão das comunidades da Idade do Ferro africana se tem baseado no estudo deste tipo de testemunhos.

A sua manufactura e utilização por populações nómadas seria mais limitada, o que permite considerar que, nos inícios da EIA, mais precisamente até aos meados do I milénio d.C., aquele sítio estava ocupado por comunidades de língua Bantu Este, já semi-sedentarizadas e localizadas numa área montanhosa e próximo de um curso de água, elemento vital para a sua sobrevivência. A presença da cerâmica documenta ainda o aperfeiçoamento na confecção dos alimentos, além de proporcionar o armazenamento e a conservação dos produtos agrícolas.

A sistematização da sua morfologia, do registo das técnicas e motivos no Quadro II (Fig. 8), bem como da sua organização decorativa no Quadro III (Fig. 9), permite facilitar a comparação com as cerâmicas de outras estações estudadas.

Não se propõe uma comparação detalhada desta cerâmica com as várias fácies da cerâmica deste período, mas as suas relações mais directas ocorrem com as do ramo Kwale, que apresentam também bordos biselados e caneluras no bojo, no âmbito da tradição de Urewe e enquadráveis no Complexo Chifumbazi (Phillipson, 1994, p. 195), tal como se verifica com a cerâmica recolhida no sítio de Silver Leaves em Tzaneen, na base da montanha de Drakensberg (Klapwijk e Huffman, 1996) e em Matola IV no Sul de Moçambique (Cruz e Silva, 1976), que são consideradas estações paradigma ou emblemáticas da EIA.

Neste conjunto de recipientes cerâmicos do Gurué, foram definidos quatro tipos quanto à morfologia, mas pode, com algumas reservas, considerar-se que um pequeno fragmento possa ser a parte do bojo de uma taça com carena. Parece ter alguma analogia quanto à morfologia com o exemplar proveniente de Banda Hill (distrito de Mulanje no Malawi) e referenciado como uma variante Nkope por Robinson (1976, p. 174) e, também análogo ao recolhido em Namaso Bay (FW2 S – classe 23) no Sul do Malawi e considerado uma fácies do ramo Nkope, bem como quanto à decoração (Davison, 1992, p. 121). Este fragmento foi enquadrado quanto à organização decorativa no tipo 1 – Quadro III (Fig. 9).

Nos recipientes com decoração incisa definida por biselados e canelados, evidenciam-se os frags. n.ºs 1 e 3 (Fig. 6a) – b), que apresentam bordos espessados com duplo bisel, seguido de uma faixa com tracejado miúdo delimitado por traçado linear. No caso do n.º 3 o bojo é inteiramente preenchido por caneluras largas e bem definidas, sendo que nos frags. n.ºs 1 e 7 (Fig. 6c), essas caneluras são igualmente largas e bem definidas, mas circunscritas a espaços no bojo.

Estes recipientes parecem ter tido uma finalidade específica, pois a sua pasta, de tonalidade cinzenta, foi bem trabalhada, mas as superfícies foram apenas alisadas, o que em nosso entender pode demonstrar que se destinavam a reter água, e daí a necessidade de alguma porosidade.

O recipiente n.º 1 documenta o tipo morfológico I (Fig. 8), e está enquadrado tal como o n.º 7, quanto à organização decorativa no tipo 3 (Fig. 9). O recipiente n.º 3 documenta o tipo morfológico IV (Fig. 8), e está enquadrado quanto à organização decorativa no tipo 2 (Fig. 9).

A morfologia e a temática decorativa destes recipientes não surge referenciada na cerâmica conhecida a que tivemos acesso, muito embora se possam considerar uma fácies do ramo Kwale da tradição de Urewe da EIA, e pelos atributos incluídos no Complexo Chifumbazi.

Os recipientes n.ºs 6 (Fig. 6d), 10 (Fig. 6e), 11 (Fig. 6f) e 19 (Fig. 6g) apresentam bordos com duplo bisel e bem definidos, a que se segue uma faixa que preenche o colo, e que está decorada com impressões de pente de oleiro, circunscrita no contacto colo-pança por traçado mais ou menos

linear. Os frags. n.ºs 6 e 11 estão documentados no tipo morfológico III, e os n.ºs 10 e 19 no tipo II (Fig. 8), e todos enquadrados quanto à organização decorativa no tipo 4 (Fig. 9).

Neste caso a morfologia e temática decorativa, destes recipientes têm uma completa analogia com a cerâmica do ramo Kwale (Soper, 1967, p. 5, 10) e grande semelhança com a recolhida em Silver Leaves (Klapwijk e Huffman, 1996, p. 89).

Nos recipientes n.ºs 2 (Fig. 6i), 4 (Fig. 6h) e 14 (Fig. 6j), os bordos são multibiselados, seguindo-se, no caso do primeiro, uma faixa estreita de impressões de denteado pouco marcado; o segundo mostra uma faixa larga de impressões de pente de oleiro circunscrita por traçado linear; ambas as faixas se desenvolvem até ao contacto colo-bojo. Os frags. n.ºs 2 e 4 estão documentados no tipo morfológico III (Fig. 8) e enquadrados quanto à organização decorativa no tipo 5 (Fig. 9).

No recipiente n.º 14, a faixa a seguir à zona biselada que define e modela o bordo no seu início é lisa, e na zona de contacto colo-pança apresenta também um traçado linear de impressões em forma de folha; está documentado no tipo morfológico II (Fig. 8) e enquadrado quanto à organização decorativa no tipo 6 (Fig. 9).

Estes recipientes têm no seu conjunto uma grande analogia com as cerâmicas do ramo Kwale (Soper, 1967, p. 5, 8 e 10) e semelhanças com as de Silver Leaves (Klapwijk e Huffman, 1996, p. 89).

O frag. n.º 0 (Fig. 6l) é completamente diferente e encontrava-se num nível estratigráfico mais elevado do que os acima descritos. Quanto à decoração, mostra uma faixa de traços lineares incisos paralelos entre si, mas definindo zonas de forma subtriangular desencontradas, mas interligadas, e dispostas parte no bordo e no início da pança, que é pouco acentuado, sendo esta faixa circunscrita por impressões lineares de denteado duplo (tipo dente de lobo).

Este recipiente de paredes finas mostra, quanto à morfologia e temática decorativa, analogia com a cerâmica da tradição do grupo Kalundo (Huffman, 1989, p. 37), e está enquadrado quanto à organização decorativa no tipo 8 (Fig. 9).

O recipiente n.º 5 (Fig. 6k) é também bem distinto dos outros quanto à decoração, apresenta uma faixa de impressões de pente de oleiro de denteado largo que preenche o colo e é circunscrita no contacto colo-pança por traçado quebrado contínuo. Este recipiente mostra analogia quanto à morfologia e temática decorativa com algumas cerâmicas do ramo Nkope referenciadas por Phillipson (1976) e Huffman (1989, p. 67), mas talvez também possa ser incluído no âmbito da tradição Nampula B (Adamowicz, 1987, p. 131), e assim reflectir a presença de outro grupo de população do ramo Bantu Este; está documentado no tipo morfológico II (Fig. 8) e enquadrado quanto à organização decorativa no tipo 7 (Fig. 9).

### 6.1. Datação

A datação foi obtida a partir de uma larga quantidade de madeira carbonizada recolhida no Corte 2 e que estava associada à cerâmica, foi determinada pelo Método de Radiocarbono<sup>3</sup>, cujo resultado aponta para os início da expansão Bantu.

Valores constantes do certificado de Datação\*:

Ref. do Laboratório	Ref. da amostra	Tipo	$\delta^{13}C$ (‰)	Idade (anos BP)	Data calibrada
ICEN – 132	GURUÉ	Madeira Carbonizada	-27,67	1740±40(*)	75 – 455 cal AD

A data calibrada foi obtida pela curva de Klein et al. (1982, p. 103-150).

BP (before present) refere-se ao ano de 1950; cal AD refere-se a data calibrada por dendrocronologia.

Esta datação foi de novo calibrada segundo os dois métodos do programa – Radiocarbon Calibration Program Rev. 4.3 (baseado em Stuiver e Reimer, 1993, p. 215-230): método A (intercepção simples com a curva de calibração); método B (distribuição relativa de probabilidades), pelo Prof. Doutor Domingos Cruz, da Faculdade de Letras de Coimbra (Novembro de 2004).

O resultado permite verificar que o sítio do Gurué terá sido ocupado entre 238 e 421 d.C. (Método A – 2 sigma); a probabilidade de que tal tenha acontecido entre 242 e 415 d.C. é da ordem dos 100%, para a probabilidade estatística de 2 sigma (Método B).

Estes dados confirmam o que havia sido definido com base na gramática decorativa, para a cerâmica “tradicional” proveniente do sítio do Gurué, bem como quanto à sua análise morfológica, o que coloca grande parte desta cerâmica como uma manufactura produzida até aos meados do I milénio da EIA, ou seja, +/- 250 a 400 d.C.

## 7. Os elementos materiais arqueológicos – Enquadramento crono-cultural

O sítio do Gurué, identificado na sequência de trabalhos de campo e referenciado após a análise da cerâmica recolhida, independentemente da estratégia global seguida, proporcionou o registo de um “sítio arqueológico” que forneceu novos dados sobre a expansão de comunidades do grupo de língua Bantu Este, da EIA, na África Oriental Austral.

No campo da análise do povoamento, o resultado da informação arqueológica mostra que aquele sítio foi ocupado nos inícios da expansão Bantu, com base no potencial informativo proporcionado pela tipologia da cerâmica que forneceu, além da presença de carvões e de um pequeno elemento que tudo aponta documentar actividades de metalurgia – o fragmento de algaraviz.

A “descoberta” deste sítio foi, ontem como hoje, considerada surpreendente à escala regional, mesmo atendendo aos limites impostos e ao tipo de registo disponíveis quanto à “estratigrafia” e recolha dos elementos materiais arqueológicos, além de a tradição oral não ter sido obtida. A cerâmica terá sido avaliada e considerada como muito antiga, não só com base no registo estratigráfico, mas principalmente face à temática e técnica decorativa.

Não foram registadas evidências de criação de gado.

Importa referir que os dados/informações sobre cerâmica da Idade do Ferro africana de que se dispunha, à data da descoberta (1946), eram muito reduzidos. Na verdade, o sítio de Urewe só foi localizado em 1948 por L. Leakey, e o sítio de Kwale, no Sudeste do Kênia, só veio a ser referenciado em 1966 (Soper, 1967).

A cerâmica do ramo Nkope assinalada na baía com o mesmo nome no Sul do Malawi por Robinson em 1973, é considerada como proveniente do núcleo das terras altas, tendo sido encontrada também no Este da Zâmbia, datando a fase mais antiga do século V (Huffman, 1989, p. 65).

Verifica-se, face aos estudos desenvolvidos, que a cerâmica do Gurué possui atributos característicos tanto da cerâmica Kwale como da Nkope, embora representem indústrias distintas, mas correlacionáveis, e estão nitidamente incluídas na expansão das populações do núcleo de língua Bantu Este, sendo Urewe considerado o núcleo difusor (Phillipson, 1994, p. 188). Mostram também grande semelhança, quanto aos bordos multibiselados, com a cerâmica recolhida em Chabula, estação localizada a cerca de 900 metros de altitude na área Nguru (Tanzânia) e considerada da EIA (Thorpe, 1992, p. 42).

A leitura do modelo de interpretação da difusão Bantu proposto por Huffman (1989, p. 76), relativamente ao grupo Bantu Este, veio possibilitar a interpretação da presença do material cerâmico deste sítio, e a poder incluí-lo face à temática e organização decorativa, principalmente como fácies dos ramos Kwale/Nkope que são considerados ambos da tradição de Urewe da EIA.

Com base nestes pressupostos, os grupos de populações vindos da área Sul do Lago Vitória teriam avançado mais pelo interior, mais propriamente pela zona dos planaltos, tendo atravessado a parte Este da Tanzânia e entrado no território de Moçambique pela actual província do Niassa, e descido até uma zona rica em água e vegetação como é a encosta dos montes Namuli, na província da Zambézia.

Não sabemos se teriam trazido animais domésticos, nomeadamente caprinos e galinhas, mas o local ocupado seria favorável ao seu bom desenvolvimento, bem como à prática da agricultura. As suas actividades estão documentadas pela manufactura de cerâmica e pela metalurgia, produção que se terá revelado fundamental para garantir uma agricultura de subsistência e uma semi-sedentarização, sendo muito provável que muitos destes povoadores Bantu tivessem continuado a caminhar para Sul em direcção ao rio Zambeze e ao Shire.

No que respeita à cultura material, a maioria dos recipientes analisados serão quanto à gramática decorativa certamente os primeiros no contexto da ceramologia da EIA a Norte do Zambeze que estão associados a um fragmento de algaraviz, o que documenta actividades metalúrgicas, que se podem considerar face ao contexto da zona carbonizada bem visível na representação do Corte 2 (Fig. 4b).

Importa referir que, relativamente a Moçambique, a cerâmica recolhida em Matola IV, no Sul, é considerada do ramo Kwale/Nkope da tradição de Urewe, por apresentar bordos biselados, em taças e tigelas e também em "recipientes" de morfologia variada, devendo-se a sua "descoberta", no ano de 1968, também ao corte do terreno para a construção de uma estrada, o que muito condicionou o seu estudo, como assinala T. Cruz e Silva (1976, p. 128).

A análise do resultado das datações de Radiocarbono mostra que todos os sítios acima referidos, tal como o do Gurué, se enquadram na fase inicial da EIA. A presença de recipientes de colos biselados bem definidos, além de bandas de motivos impressos, que apresentam também temáticas decorativas classificadas como atributo tipológico, revela-se, quanto à organização espacial, bem característica do ramo das cerâmicas da tradição de Urewe da EIA. Isto leva a considerar que os fabricantes desta cerâmica pertencem ao mesmo grupo ancestral que engloba os primeiros agricultores de língua Bantu Este, que sabiam manufacturar o ferro e fazem parte do designado Complexo Chifumbazi<sup>4</sup> (Huffman, 1989, p. 65; Phillipson, 1994, p. 192).

As alterações verificadas entre as várias unidades cerâmicas numa área ao longo dos tempos constitui em si uma sequência histórico-cultural, podendo o estilo cerâmico reflectir a identidade do grupo. Para além disso, uma série estilística é formada quando os motivos e a sua organização ocorrem como parte do tipo mais complexo; estes pressupostos permitem considerar que um dos recipientes (frag. n.º 0 – Fig. 6 l) poderá assinalar uma cerâmica que se enquadra na tradição do grupo Kalundo, em que motivos lineares incisos definem zonas de forma subtriangular desencontradas, mas interligada e bem marcadas formando uma faixa larga, circunscrita por impressões duplas do tipo dente de lobo no início da pança. Este tipo de organização decorativa foi referenciado por vários investigadores como Fagan (1970, p. 72) e Phillipson (1977, p. 136), e veio a ser considerada por Huffman (1989, p. 114) como uma tradição cerâmica associada aos grupos de língua Bantu Este.

Um dos factores de maior importância relativamente a este sítio parece estar no resultado da datação, que pode ser comparada com a obtida para as estações de: Kwale (Soper, 1971, p. 40); Nkope (Robinson, 1973, p. 6; Davison, 1992, p. 69); Silver Leaves (Klapwijk, 1974, p. 22; Klapwijk e Huffman, 1996, p. 84-85); Matola IV (Sinclair et al., 1993-1995, p. 430) e Kalundo (Huffman, 1989, p. 78), cujos resultados as situam entre os séculos I e V d.C., parâmetros que podem ser igualmente atribuídos como proposta para as cerâmicas fornecidas pelo Sítio do Gurué.

## 8. Considerandos finais

O nosso estudo reflecte algumas condicionantes que se prendem com as condições em que decorreu o trabalho de campo, e a forma como os dados obtidos chegaram até nós.

Do que foi exposto, parece significativo salientar a acção de recuperação do património, com uma intervenção de emergência que permitiu salvar um conjunto arqueológico único posto a descoberto, o que terá sido algo inédito para a época (1946).

A localização deste arqueossítio tornou possível identificar uma significativa ocupação por comunidades de agricultores-metalurgistas de língua Bantu Este, já semi-sedentarizadas, localizadas numa zona fértil e próximo de um curso de água, estando a cerâmica associada a elementos que consideramos documentar actividades metalúrgicas nos inícios da EIA, o que constitui um factor importante; permitiu, portanto, a análise do material cerâmico *in situ*, muito embora não se tenha mantido o espaço arqueológico, além de o seu registo ter sido apenas parcial, mas proporcionou o alargar das fontes de informação arqueológica sobre a expansão Bantu.

Deste conjunto cerâmico fazem parte recipientes com diversas morfologias e atributos, o que pode assinalar a presença de diferentes grupos, cujos vestígios se registam a vários níveis, do ponto de vista estratigráfico.

Aos dados obtidos possibilitam ainda considerar que aquele sítio na província da Zambézia não terá sido somente, um local de passagem, e que os falantes de língua Bantu Este vindos através da Tanzânia teriam continuado a caminhar em direcção aos rios Shire e Zambeze, nos inícios da EIA.

Não podemos deixar de referir que este tipo de situação (corte de terreno) condicionou o estudo desta estação, tal como se verificou nos casos da de Silver Leaves (no Transvaal) e da Matola IV (na Sul de Moçambique); contudo, aspectos da evolução social e cultural do passado do Homem na Idade do Ferro africana no território de Moçambique puderam ser interpretados e valorizados.

Os resultados que testemunhos arqueológicos fornecidos por este arqueossítio no contexto das hipóteses propostas acerca da expansão Bantu podem talvez, ainda num futuro próximo, levar ao desenvolvimento de novas pesquisas na área e, deste modo, alargar o espectro dos vestígios e fornecer mais informação sobre um período de grande interesse como é a fase inicial da Idade do Ferro africana na África Oriental Austral, acontecimento encarado como único e sem repetição.

Lisboa, Fevereiro de 2006

## NOTAS

\* Investigador do Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) – Lisboa

<sup>1</sup> As campanhas da MAM foram seis, e decorreram de 1936 a 1956 (Rodrigues, 1992, p. 11-30).

<sup>2</sup> A área do Gurué fez parte do *Prazo da Coroa*, concedido em 1892 à Companhia da Zambézia, sob a designação de Prazo Lumué. Posteriormente foi um posto do antigo Comando Militar dos Anguros in *Dicionário Corográfico da Província de Moçambique*, 3.º fasc. Zambézia (1926, p. 67).

<sup>3</sup> Trabalho efectuado sob a orientação do Prof. J. M. Peixoto Cabral, no então Instituto de Ciências e Engenharia Nucleares (ICEN- 132) – Sacavém.

<sup>4</sup> O uso da designação "Complexo Chifumbazi" por Phillipson (1994, p. 188) retirada de um sítio arqueológico localizado no Norte da província de Tete, definiu simultaneamente um "complexo tecnológico cerâmico" ligado com o que se considera um movimento massivo de comunidades de língua Bantu Este e Oeste, na África Austral durante a EIA.

## BIBLIOGRAFIA

- 1926, *Dicionário Corográfico da Província de Moçambique*. 3.º Fascículo: Zambézia – Distrito de Quelimane e Distrito de Tete. Coimbra: Ministério das Colónias – Comissão de Cartografia.
- 1975, *Munsell Soil Color Charts*. Baltimore, MD: Kollmorgen Corporation.
- 1977, *Actes du 8e Congrès Panafricain de Préhistoire et des Étude du Quaternaire*. Nairobi.
- 1978, *Methuen Handbook of Colour*. London: Eyre Methuen.
- 1986, *Atlas Geográfico de Moçambique*. Vol.1. Stockholm: Esselte Map Service AB.
- ADAMOWICZ, L. (1987) - Contribuição para o conhecimento da arqueologia entre os rios Lúrio e Ligonha, Província de Nampula. Projecto CIPRIANA 1981/86. *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia*. Maputo. 3, p. 45-144.
- ANDRADE, C. F. de (1929) - *Esboço geológico da Província de Moçambique*. Lisboa: Ministério das Colónias; Imprensa Nacional.
- ARCELIN, P.; RIGOIR, Y. (1979) - Normalisation du dessin en céramologie. In *Méthodes et Techniques*. Lambesc: Association pour la Diffusion de l'Archéologie Méridionale.
- CRUZ E SILVA, T. (1976) - *A preliminar report on an Early Iron Age site: Matola IV 1/68*. Maputo: Instituto de Investigação Científica, Universidade Eduardo Mondlane.
- CRUZ E SILVA, T. (1977) - *First indications of Early Iron Age in Southern Mozambique*. Nairobi: Acter du 8e. Congrès Panafricain, p. 349-350.
- CRUZ E SILVA, T. (1978) - *O Sul de Moçambique e o povoamento da África Sul-Oriental na Idade do Ferro*. Centro de Estudos Africanos. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- DAVISON, S. (1992) - *Namaso: a newly-defined cultural entity of the late first millennium AD on the South-East arm of lake Malawi*. Occasional Papers of the Malawi Department of Antiquities, Vol. 1. Malawi: Montfort Press.
- DEDET, B.; PY, M. (1975) - Classification de la céramique non tournée protohistorique. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Université Montpellier, CNRS, Sup. 4.
- DUARTE, R. T. (1967) - *A expansão Bantu e o povoamento do Sul de Moçambique. Algumas hipóteses*. Lourenço Marques.
- FAGAN, B. (1967) - *Iron Age cultures in Zambia*. Vol. I. London: Chatto & Windus.
- FAGAN, B. (1970) - *África Austral*. Lisboa: Verbo.
- FIGUEIREDO, O.; COSTA, M. I. (1991) - Estudo químico-mineralógico de cerâmicas arqueológicas de Moçambique – Relatório interno. Lisboa: Centro de Cristalografia e Mineralogia, IICT.
- HUFFMAN, T. (1970) - The Early Iron Age and the Spread of the Bantu. *The South African Archaeological Bulletin*. Cape Town. 25, p. 3-21.
- HUFFMAN, T. (1986) - *Iron Age settlement patterns and the origins of class distinction in Southern Africa*. London-New York: Academic Press.
- HUFFMAN, T. (1989) - *Iron Age migration*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- KLAPWIJK, M. (1974) - A preliminary report on pottery from the North-Eastern Transvaal, South Africa. *The South African Archaeological Bulletin*. Cape Town. 29, p. 19-23.
- KLAPWIJK, M., HUFFMAN, T. (1996) - Excavation at Silver Leaves: a final report. *The South African Archaeological Bulletin*. Cape Town. 51, p. 84-93.
- KLEIN, J. [et al.] (1982) - Calibration of radiocarbon dates: tables based on the consensus data of the Workshop on Calibrating the Radiocarbon Time Scale. *Radiocarbon*. Tucson, AZ. 24:2, p. 103-150.
- LEAKEY, M. D.; OWEN, W. E.; LEAKEY, L. S. B. (1948) - *Dimple based pottery from Central Kavirondo, Kenya Colony*. Nairobi: Coryndon Memorial Museum (Occasional Papers; 2).
- PHILLIPSON D. W.; FAGAN, B.; DANIEL, S. G. H. (1969) - *Iron Age cultures in Zambia*. Vol. II. London: Chatto & Windus.
- PHILLIPSON, D. W. (1972) - Early Iron Age sites on the Zambia Copperbelt. *Azania*. Nairobi. 7, p. 93-128.
- PHILLIPSON, D. W. (1975) - *The Iron Age in Zambia*. Lusaka: Neczam.
- PHILLIPSON, D. W. (1976) - *The Prehistory of Eastern Zambia*. Nairobi: British Institute in Eastern Africa.
- PHILLIPSON, D. W. (1977) - *The Later Prehistory of Eastern and Southern Africa*. London: Heinemann.
- PHILLIPSON, D. W. (1985) - *African Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PHILLIPSON, D. W. (1994) - *African Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PLOG, S. (1980) - *Stylistic variation in prehistoric ceramics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PLOG, S. (1983) - Analysis of style in artifacts. *Annual Review of Anthropology*. Palo Alto, CA. 12, p. 125-142.
- RICE, P. (1982) - *Pottery production, pottery classification and the role of physicochemical analyses*. Archaeological Ceramics. Olin e Franklin.
- RICE, P. (1987) - *Pottery analysis: a sourcebook*. Chicago; London: The University of Chicago Press.
- RIGOIR, Y. (1975) - *Le dessin technique en céramologie*. Lambesc: Laboratoire d'Étude et Documentation.

- ROBINSON, R. (1973) - The pottery sequence of Malawi briefly compared with the already established South of the Zambezi. *Arnoldia*. Rhodesia. 6, p. 1-12.
- ROBINSON, R. (1976) - A note on the spread of Early Iron Age ceramics in Malawi. *The South African Archaeological Bulletin*. Cape Town. 31, p. 166-175.
- RODRIGUES, M. C. (1981) - Acerca da metodologia da cerâmica da Idade do Ferro em Moçambique. *Leba*. Lisboa. 4, p. 61-71.
- RODRIGUES, M. C. (1992) - A investigação de ontem e a sua contribuição para um melhor conhecimento do futuro. In *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*. Vol. I, Lisboa: IICT, p. 11-30.
- RODRIGUES, M. C. (2004) - *A Arqueologia em Moçambique nas "Missões Científicas" da antiga Junta de Investigações do Ultramar de 1936-1972. Texto e Representações* (texto policopiado). Tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. (1946) - Relatório da 4.ª campanha da M.A.M. *Anais*, Vol. I. Lisboa: Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. (1947) - Alguns aspectos da 4.ª campanha da Missão Antropológica de Moçambique. *Trabalhos do Instituto de Antropologia*. Porto.
- SCHOFIELD, J. F. (1948) - *Primitive pottery*. Cape Town: The South African Archaeological Society.
- SENNA MARTINEZ, J. C. (1975) - *A Idade do Ferro em Moçambique: algumas notas para a compreensão do seu desenvolvimento e difusão*. Seminário de História de Moçambique Pré-colonial, Lourenço Marques.
- SÉRONIE-VIVIEN, M. (1982) - *Introduction à l'étude des poteries préhistoriques*. Bordeaux: Société Spéléologique et Préhistorique.
- SHEPARD, A. O. (1968) - *Ceramics for the archaeologist*. Washington, DC: Carnegie Institution.
- SINCLAIR, P. (1985) - *An archaeological reconnaissance of Northern Mozambique. Part I, Nampula Province*. Uppsala: University.
- SINCLAIR, P. (1987) - *Space, time and social formation*. Uppsala: University.
- SINCLAIR P. [et al.] (1993-1995) - A perspective on archaeological research in Mozambique. In *The archaeology of Africa: food, metals and towns*. London: Routledge, p. 409-431.
- SINOPLI, C. M. (1991) - *Approaches to archaeological ceramics*. New York, NY: Plenum Press.
- SOPER, R. (1967) - Kwale: an Early Iron Age site in South-Eastern Kenya. *Azania*. Nairobi. 2, p. 1-17.
- SOPER, R. (1971) - Early Iron Age pottery types from East Africa: comparative analysis. *Azania*. Nairobi. 6, p. 39-52.
- SOPER, R.; GOLDEN, B. (1969) - An archaeological survey of Mwanza region-Tanzania. *Azania*. Nairobi. 4, p. 15-79.
- SOUSA, A. G. (1947) - *Jardins da Zambézia*, n.º 52.
- STUIVER, M. [et al.] (1998) - INTCAL 98 radiocarbon age calibration, 24,000-0 cal BP. *Radiocarbon*. Tucson, AZ. 40:3, p. 1041-1083.
- STUIVER, M.; REIMER, P. J. (1993) - Extended C-14 data-base and revised CALIB 3.0 C-14 age calibration program. *Radiocarbon*. Tucson, AZ. 35, p. 215-230.
- SUTTON, J. E. G. (1983) - *A África Oriental antes do século VII*. História Geral da África, Vol. II. São Paulo: Ática-Unesco, p. 581-604.
- THORP, C. (1992) - Nguru Hill: Iron Age and earlier ceramics. *Azania*. Nairobi. 27, p. 21-44.
- VAN GRUNDERBEEK, M.-C. (1988) - Essai d'étude typologique de céramique Urewe de la région des colines au Burundi et Ruanda. *Azania*. Nairobi. 23, p. 11-55.

